

O ESPIRITISMO E ALGUMAS RELIGIÕES MEDIÚNICAS: CANDOMBLÉ E UMBANDA

Adolfo de Mendonça Junior

Graduado em História pela UNESP/Franca

adolfodemendoncajr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa que está em andamento e que tem o objetivo de analisar algumas semelhanças e diferenças de práticas e crenças do espiritismo com algumas religiões mediúnicas: candomblé e umbanda. O tema surgiu a partir de uma apresentação no GT “Movimentos sociais e memória”, do VIII Encontro Regional Sudeste de História Oral, da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), na UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), onde apareceu a expressão “centros espíritas umbandistas”. Existe centro espírita de umbanda? Essa indagação despertou o nosso interesse pelo estudo dessa temática.

Sabemos que o catolicismo tem sido historicamente a religião majoritária do Brasil, cabendo a outras fés o lugar de religiões minoritárias, mas nem por isso sem importância no quadro das religiões e da cultura, sobretudo no século atual. De acordo com o censo demográfico brasileiro de 2000, o espiritismo é a terceira religião em número de aderentes no país.

De um modo bastante geral, o espiritismo pode ser compreendido como uma crença nos espíritos e a aceitação da possessão como meio pelo qual os espíritos se comunicam com os vivos. A opção espírita engloba os kardecistas (2.262.401), adeptos de umbanda (397.431) e candomblé (127.582), seitas estas de origem afro, além de outras como xamanismo e santo daime com menor número de seguidores, seitas que pressupõem conhecimento e uso de forças sobrenaturais. Trata-se de religiões mediúnicas, considerando a mediunidade, de modo geral, como canal de comunicação entre espíritos desencarnados e encarnados (ver PIERUCCI; PRANDI, 1996; TEIXEIRA; MENEZES, 2006 apud LANG, 2008, p.172).

Para Lang, a opção espírita reúne os kardecistas, os adeptos de umbanda, candomblé e outras seitas. Com base nessa informação, resolvi pesquisar e identificar algumas semelhanças e diferenças de práticas e crenças dessas religiões, que migraram da Europa e África e construíram suas identidades a partir do chamado fenômeno mediúnico. Elas usam a mediunidade como canal de comunicação entre os espíritos dos “mortos” (desencarnados) e os vivos (encarnados).

O presente estudo se justifica por ser o estudo do espiritismo e das religiões afrobrasileiras um universo, ainda hoje, pouco conhecido no meio acadêmico brasileiro. Por religiões afrobrasileiras entende-se: “[...] o conjunto das práticas religiosas desenvolvidas a partir do contato entre civilizações de origem européia, africana e americana em solo brasileiro”. (CAPELLARI, 2001, p. 65).

Cruz¹ (1994 apud SOBRINHO, 2009, p.4.) nos fornece as seguintes informações sobre a religiosidade e as religiões afrobrasileiras:

Um aspecto crucial neste estudo sobre a religiosidade afrobrasileira reside no fato de compreender os cultos de origem africanas enquanto verdadeiras religiões e não como seitas. Cabe ressaltar que as religiões afrobrasileiras possuem um corpo sacerdotal, filosofia, ritos, enfim, uma estrutura que as caracterizam como instituições. Considerá-las seitas é, na realidade, uma tentativa de reduzir a sua importância e de classificar as pessoas que as praticam como um punhado de fanáticos.

A rigor, as religiões afrobrasileiras são patrimônio desta nação e compõem, particularmente, o universo cultural da raça negra brasileira que foi seqüestrada da África para a Europa e Américas e mantida nestes continentes na condição de escrava, sob tortura física e psicológica, por mais de quatrocentos anos (CONCEIÇÃO, 1993). Temos que reconhecer que um século de abolição do escravismo não é suficiente para alterar uma sólida estrutura ideológica construída para justificar a exploração e a negação das pessoas negras enquanto seres humanos auto-determinados e transcendentais.

O *espiritismo* é considerado como filosofia, ciência e religião. É originário da França e foi codificado por Allan Kardec. *Candomblé* é uma religião que cultua os

¹ CRUZ, I. C. F. *As religiões afro-brasileiras: subsídios para o estudo da Angústia Espiritual*, 1994, <www.uff.br/nepae/reliafro.doc>. Acesso em 24 de out. de 2003. Publicado na Revista Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, v.28, n.2, p.125-136, ago/1994.

orixás² e outras divindades africanas, é originária da África, trazida ao Brasil por escravos. E a *umbanda* é considerada a mais genuína religião brasileira de origem africana, culto brasileiro dos orixás, derivado dos candomblés da Bahia, mas fortemente marcado por cultos dos índios brasileiros, catolicismo popular e pelo espiritismo.

Utilizaremos a metodologia da narrativa analítica, recorrendo à análise documental bibliográfica e de fontes produzidas oralmente. Pretendemos responder as seguintes questões: Qual é o “livro sagrado” de cada uma dessas religiões mediúnicas? Onde seus adeptos se reúnem? Quais são seus principais princípios básicos?

2. ESPIRITISMO

No início da segunda metade do século XIX o pedagogo francês Hippolyte León Denizard Rivail publicou em Paris “O Livro dos Espíritos” [Le Livre des Esprits], em 18 de Abril de 1857, livro que contém os princípios da filosofia espírita. Com o lançamento desse livro, surgia o espiritismo. Esse termo [espiritismo] era usado pela primeira vez, na história, ou seja, foi criado por Allan Kardec. Antes disso, usavam-se termos como espiritualismo e neo-espiritualismo e, embora os chamados “fatos espíritos” sempre tenham existido, eram interpretados das mais diversas maneiras.

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos.

Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida.

Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. **Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo**

² Orixás: divindades agentes de Olorum, o deus supremo criador do universo. Uma outra corrente dos cultos acredita que os Orixás seriam homens e mulheres que depois da morte foram elevados à condição de seres destacados no “astral” e identificados com um elemento da natureza (rio, mar, etc.) transformando-se nele. Há uma certa concordância em torno do seu número. (SAMPAIO, 2008, internet)

espiritualismo a aceção que lhe é própria. (KARDEC, [1857] 1997, p.13, grifo nosso).

Podemos dizer que Allan Kardec considera as religiões afrobrasileiras como religiões espiritualistas. Para ele, o espiritismo também é uma religião espiritualista, no entanto, as demais religiões espiritualistas não são espíritas.

O espiritismo surgiu, segundo os espíritas, por meio de estudos de uma série de fenômenos que eram, em sua maioria, provenientes ou derivantes das então chamadas “sessões de mesas girantes, ou dançantes”. Um fenômeno marcante no século XIX que assolou os Estados Unidos e a Europa, servindo de brincadeiras de salão, quando as mesas “dançavam”, “escreviam”, “batiam o pé” e “até falavam”.

Essas sessões consistiriam em reuniões de um grupo de pessoas que se uniam à volta de uma mesa que – depois de orações, evocações, ou qualquer ritual do gênero conduzido pelos participantes – parecia ganhar vida e “bailava” sobre as cabeças dos presentes. Tal bailado, descrevem alguns autores que se dedicaram ao assunto³, parecia se efetuar sem nenhum apoio ou mecanismo que as controlasse, supostamente contrariando as leis da gravidade. Essas mesas, ainda segundo os relatos⁴, geralmente executavam ordens dadas pelos presentes como “fique sobre tal perna” ou “dê tantas voltas” ou “coloque-se sobre tal pessoa”. Averiguou-se assim uma suposta “inteligência” das mesas, o que teria levado aos participantes desses eventos a uma busca por aprimorar a comunicação com elas. Estabelecer-se-ia um código batidas/letras, onde, depois de questionada, a “mesa” era orientada a responder, batendo com uma das pernas tantas vezes no chão fosse necessário para atingir uma letra, em uma espécie de código Morse, e desta maneira responderiam às perguntas dos presentes. Foi nesse momento, quando começou toda uma tentativa de “comunicação” em que se buscava saber o que ou quem estava por trás de tais fenômenos, que as divertidas sessões das mesas dançantes da burguesia de salão parisiense atraíam uma maior atenção de estudiosos intrigados, entre eles, o ainda pacato e respeitado pedagogo lionês Denizard Rivail, futuramente, Allan Kardec. (FERNANDES, 2008, p.9,10).

³ WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritas do Brasil*. 2.ed. Rio de Janeiro: FEB, 1981.

⁴ Id. Ib.

Portanto, das brincadeiras de salão, apareceu o pesquisador *Hypollyte León Denizard Rivail* (Allan Kardec). Ele foi convidado para assistir a uma dessas sessões, pois disseram-lhe que, além da mesa “mover-se”, ela também “falava”.

Em 1854, o pedagogo francês, Hippolyte León Denizard Rivail, reconhecendo as manifestações das mesas girantes como fenômenos inteligentes e verificando a inexistência de causas materiais em tais manifestações, inicia, em Paris, um intenso estudo dos fenômenos espirituais, culminando na publicação de seis obras – cinco das quais compõem a codificação básica da Doutrina Espírita⁵ – e diversos artigos de sua autoria publicados na Revista Espírita⁶, todos assinados sob o pseudônimo de Allan Kardec⁷, nome sob o qual se tornaria mais conhecido. Kardec dedica-se a esses estudos, intensamente, até sua morte, em 1869. Auto-considerado como ciência, filosofia e religião, o Espiritismo pretende se inscrever nessas três diferentes tradições de pensamento. (ALBUQUERQUE, 2009, p.17,18).

Ao pretender se inscrever em três áreas do conhecimento (ciência, filosofia e religião), assim Kardec ([1859] 2007, p.54,55) define o Espiritismo:

O espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações.

O “O Livro dos Espíritos” foi o primeiro livro codificado por Allan Kardec. Ele é um livro de perguntas e respostas, onde Kardec formulou uma série de questões que foram respondidas pelos espíritos dos mortos (desencarnados); este livro contém os princípios da *filosofia* espírita. “O Livro dos Médiuns” explica a parte *científica* do espiritismo, e “O Evangelho Segundo o Espiritismo” trata das *questões morais ou religiosas*.

⁵ O primeiro deles, o Livro dos Espíritos é publicado em Paris, em 1857.

⁶ Primeira revista de divulgação espírita, denominada de A Revista Espírita – Jornal de Estudos Psicológicos– (Revue Spirite – Journal d’Études Psychologiques), criada em 1861; mesmo ano de fundação da primeira instituição espírita do mundo, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

⁷ Explica-nos Sausse (2007, p. 21) sobre a adoção do pseudônimo: “Sendo o seu nome muito conhecido do mundo científico, em virtude dos seus trabalhos anteriores, e podendo originar uma confusão, talvez mesmo prejudicar o êxito do empreendimento, ele [Rivail] adotou o alvitre de o assinar [O Livro dos Espíritos] com o nome de Allan Kardec que, segundo lhe revelara o guia, ele assim se denominava ao tempo dos Druidas”.

Para os espíritas, esses três aspectos (ciência, filosofia e religião) estariam principalmente representados em três, dos cinco livros da chamada codificação kardequiana, marcando diferentes momentos de inscrição do pensamento espírita. O primeiro deles, O Livro dos Espíritos, introduz toda a fundamentação filosófico-doutrinária do Espiritismo. O segundo, O Livro dos Médiuns, explica os fenômenos espírituais e sua relação com o mundo corporal, e fundamenta a prática para o exercício adequado da mediunidade. Com o terceiro livro, O Evangelho Segundo o Espiritismo, o Espiritismo re-analisa as passagens da vida e os ensinamentos de Jesus.

(ALBUQUERQUE, 2009, p.18,19).

Pela pesquisa que fizemos descobrimos que os espíritas acreditam na existência de um único Deus, na imortalidade da alma, na comunicabilidade dos espíritos dos mortos (desencarnados); com os vivos (encarnados), na pluralidade das existências ou reencarnações e na pluralidade de mundos habitados.

[...] Apesar de se haver fundamentado no fenômeno de ordem mediúnica, vulgarmente chamado de “além túmulo”, o Espiritismo é a DOCTRINA ESPÍRITA, cuja base experimental ou científica está, precisamente, nos fatos, nas provas já confirmadas; **o fenômeno, por si só, não é o Espiritismo, é a demonstração da sobrevivência da alma ou da comunicação entre vivos e mortos, em qualquer parte, dentro ou fora da seara espírita.** O Espiritismo define o fenômeno, adota o método experimental, separa o que é animismo e o que é comunicação ou manifestação de espírito desencarnado, metodiza o desenvolvimento da mediunidade e, por fim, estabelece conclusões lógicas. [...] (AMORIM, 1989, pág.80, grifo nosso).

Para falar das práticas espíritas vamos recorrer ao folheto “Espiritismo, uma nova era para a Humanidade”, que faz parte da campanha de divulgação do Espiritismo, promovida pela FEB (Federação Espírita Brasileira) e pelo Conselho Espírita Internacional (CEI), instituições⁸ que representam o Movimento Espírita, do qual transcrevemos:

PRÁTICA ESPÍRITA

⁸ Essas instituições federativas (FEB), (CEI) e outras, orientam às casas espíritas, no sentido de unir os espíritas e os centros espíritas para que exista um trabalho unificado no Movimento Espírita.

- Toda a prática espírita é gratuita, como orienta o princípio moral do Evangelho: “Daí de graça o que de graça recebestes”.
- A prática espírita é realizada com simplicidade, sem nenhum culto exterior, dentro do princípio cristão de que Deus deve ser adorado em espírito e verdade.
- O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, amuletos, horóscopo, cartomancia, pirâmides, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou forma de culto exterior.
- O Espiritismo não impõe os seus princípios. Convida os interessados com conhecê-lo a submeterem os seus ensinamentos ao crivo da razão, antes de aceitá-los.
- A mediunidade, que permite a comunicação dos Espíritos com os homens, é uma faculdade que muitas pessoas trazem consigo ao nascer, independentemente da religião ou da diretriz doutrinária de vida que adotem.
- Prática mediúnica espírita só é aquela que é exercida com base nos princípios da Doutrina Espírita e dentro da moral cristã.
- O Espiritismo respeita todas as religiões e doutrinas, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização e pela paz entre todos os povos e entre todos os homens, independentemente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. Reconhece, ainda, que “o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”. (FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA, 1996).

Allan Kardec faz uma separação entre o espiritismo e as religiões mediúnicas. Destacamos aqui alguns excertos que demonstram seu pensamento nessas questões:

O Espiritismo não aceita, pois, todos os fatos reputados maravilhosos ou sobrenaturais; longe disso, demonstra a impossibilidade de um grande número deles e o ridículo de certas crenças que constituem, propriamente falando, a superstição. (KARDEC, [1861] 1993c, p. 23).

[...] O Espiritismo não tem mistérios, nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito claramente, a fim de que cada um possa julgá-lo com conhecimento de causa; [...]. (Id., [1861] 1993b, p.10).

[...] O médium, numa palavra, deve evitar tudo o que poderia transformá-lo em um agente de consulta, o que, aos olhos de muita gente, é sinônimo de ledor de sorte. (Id., [1861] 1993c, p. 319-320).

Os Espíritos vêm vos instruir e vos guiar no caminho do bem, e não no das honrarias e da fortuna, ou para servir às vossas paixões mesquinhas. Se não lhes pedisse nada de fútil ou que esteja fora das suas atribuições, não se daria nenhuma presa aos Espíritos enganadores; de onde deveis concluir que aquele que é mistificado, não tem senão o que merece. O papel dos Espíritos não é o de vos esclarecer sobre as coisas desse mundo, mas o de vos guiar com segurança no que vos pode ser útil para o outro. Quando vos falam das coisas desse mundo, é porque julgam necessário, mas não a vosso pedido. Se vedes nos Espíritos os substitutos dos adivinhadores e dos feiticeiros, então é certo que sereis enganados. (Id., [1861] 1993c, p. 373).

O que teria se tornado esta doutrina, se ela não tivesse usado de toda a sua influência para frustrar e desacreditar as manobras da exploração? Ter-se-iam visto os charlatães popularem de todas as partes, fazendo uma mistura sacrílega do que há de mais sagrado; o respeito dos mortos, com a arte pretensiosa dos feiticeiros, adivinhos, tiradores de cartas, ledores de boa sorte, suprimindo pela fraude aos Espíritos, quando estes não vêm. Logo ter-se-iam visto as manifestações levadas nos teatros de feiras, unidas nos torneios de escamoteação: os gabinetes de consultas espíritas publicamente ostentados, e revendidos, como agências de empregos, segundo a importância da clientela, como se a faculdade medianímica pudesse se transmitir à maneira de um fundo de comércio.

Por seu silêncio, que teria sido uma aprovação tácita, a doutrina se teria tornado solidária, dizemos mais: cúmplice desse abuso. Então, a crítica teria tido sorte, porque ela teria podido com direito implicar a doutrina que, por sua tolerância, teria assumido a responsabilidade do ridículo, e, conseqüentemente, da justa reprovação derramada sobre os abusos, talvez tivesse ela tido mais de um século antes de se levantar desse fracasso. Seria preciso não compreender o caráter do Espiritismo, e ainda menos seus verdadeiros interesses, para crer que tais auxiliares possam ser úteis à sua propagação, e sejam próprios para fazê-lo considerar como uma coisa santa e respeitável. (Id., [1869] 2001b, p. 42-43).

Pires (1979, p.44) explica que o espírito Emmanuel⁹ conceituou as religiões mediúnicas como “mediunismo” de expressão primitiva (no sentido de ser mais próximo das origens): *“A expressão mediunismo, criada por Emmanuel designa as formas primitivas de Mediunidade, que fundamentam as crenças e religiões primitivas”*. Ou seja, as religiões mediúnicas representam um encontro ou “mistura” de religiões, um verdadeiro sincretismo religioso.

Essas práticas sincréticas, onde predomina a mentalidade primitiva, são o contrário das práticas espíritas, que se resume na prece e na meditação, no passe (imposição das mãos, do Evangelho) e na doutrinação caridosa dos espíritos sofredores ou vingativos. Os que chamam isso de Espiritismo o fazem de má fé ou por ignorância. Por sinal que encontramos nesse capítulo¹⁰ a ignorância ilustrada de sociólogos, antropólogos, psicólogos e médicos, que usam em seus trabalhos e pesquisas a palavra Espiritismo para designar as manifestações do animismo primitivo e do mediunismo selvagem. Devemos sempre repelir esse abastardamento da palavra que Kardec criou como nome genérico de uma doutrina científica e filosófica oriunda do ensino dos Espíritos Superiores. **O Espiritismo é unicamente a doutrina que está nas obras de Kardec e dos que continuaram o trabalho do Mestre, sem trair os seus princípios básicos.** (Ibid, p.47, grifo nosso).

Pela pesquisa que fizemos, descobrimos que no espiritismo não é comum o uso dos termos “mesa branca”, “baixo espiritismo”, “alto espiritismo”, termos que teriam surgido para diferenciar o espiritismo das religiões afrobrasileiras. O mesmo ocorre com “espírita kardecista”, “kardecismo” que, segundo os espíritas, dão a impressão de existir o “espírita de candomblé” e o “espírita umbandista”, por exemplo.

A Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por principio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas. (KARDEC, [1859] 2001a, p.13).

⁹ Espírito que acompanhava o médium Francisco Cândido Xavier.

¹⁰ Capítulo VI do livro “Mediunidade (Vida e Comunicação).

Os espíritas rejeitam a denominação “espírita” das religiões afrobrasileiras, para eles, o termo espiritismo foi criado por Allan Kardec e serve unicamente para designar os espíritas, ou seguidores do espiritismo.

*“Respeitamos, no Umbandismo, uma grande legião de companheiros muito consideráveis, consagrados à caridade que Jesus nos legou; grandes expositores da mediunidade que auxilia, alivia o próximo e credores do nosso maior carinho, **conquanto estejamos vinculados aos princípios codificados por Allan Kardec, de nossa parte.**”* (Fragmento de depoimento de Francisco Cândido Xavier apud SÁ JUNIOR, 2004, p. 43, grifo do autor).

3. O CANDOMBLÉ

Candomblé é uma religião originária da África, trazida ao Brasil por escravos. Oxalá é a divindade da criação. Cultuam os Orixás, de origem totêmica, que representam as forças que controlam a natureza e seus fenômenos, tais como as águas, o vento, as florestas, os raios. Ritos e cerimônias realizam-se em casas ou terreiros, de linhagem matriarcal uns e patriarcal outros quanto à direção. Há um sincretismo entre o candomblé e a religião católica, sincretismo que foi uma forma de defesa a que recorreram os cativos visando a preservação da religião proibida pelos escravocratas no século XIX. (LANG, 2008, p.173).

O estudo do candomblé nos permite ver como grupos africanos, ao estabelecerem-se no Brasil, procuraram integrarem-se em um novo contexto utilizando os instrumentos disponíveis e a cultura que trouxeram. Criaram algo novo. O terreiro de candomblé foi constituído por afrobrasileiros que fundaram no Brasil uma nova religião, uma nova cultura. Dele originou-se mais tarde a umbanda, religião sem fronteiras raciais. O candomblé, por ser mais próximo da fidelidade aos cultos africanos, é considerado mais “primitivo” (mais próximo das origens).

A literatura sociológica e antropológica sobre o candomblé o tem tratado como manifestação da cultura negra, ou de populações negras, sobretudo no Nordeste e especialmente na Bahia. O candomblé da Bahia, como o xangô de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, o tambor-de-mina do Maranhão e o batuque do Rio Grande do Sul têm sido interpretados e estudados como religiões de

preservação de patrimônio cultural de grupos étnicos, neste caso, grupos de cor — os negros (Camargo et al., 1973).

Talvez por isso a maior parte das investigações sobre as religiões dos deuses negros no Brasil seja de estudos etnográficos, em geral monográficos, tendo como referência privilegiada a Bahia, onde os autores têm procurado como objeto empírico preferencial um candomblé denominado jeje-nagô, em virtude da predominância, neles, de elementos da cultura dos antigos escravos nagôs (iorubanos) mesclados de elementos da cultura dos jejes (ewe-fons), além da contribuição de outras etnias africanas (Ver, especialmente, Rodrigues, 1973; Carneiro, 1936; Valente, 1977; Lima, 1987; Motta, 1982; Bastide, 1974 apud PRANDI, 1991, p.15).

Os candomblés baianos das nações queto (iorubá) e angola (banto) foram os que mais se propagaram pelo Brasil, podendo hoje ser encontrados em qualquer parte. O primeiro veio a se constituir numa espécie de modelo para as demais religiões dos orixás, e seus ritos, panteão e mitologia são hoje praticamente predominantes. O candomblé angola, embora tenha adotado os orixás, divindades nagôs, e absorvido muito das concepções e ritos de origem iorubá, desempenhou um papel importante na constituição da umbanda, no início do século XX, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

O candomblé brasileiro não se assenta sobre estruturas sociais como as de caráter tribal africanas de onde originou-se como culto aos orixás e antepassados, os eguns (Atanda, 1980; Fadipe, 1970). A nação tribal, o clã, as linhagens e a organização familiar como estrutura produtiva e unidade de culto, com seus antepassados imemoriais, estão para sempre perdidos. Mas isso tudo não impediu o candomblé nascido no Brasil de firmar-se sobre a idéia central da origem mítica da pessoa conforme a tradição iorubana (Verger, 1973; Abimbola, 1973). Vitaliza-se a noção primordial de que ninguém pode escapar de uma ancestralidade simbólica, mítica, que de certa forma dá sentido à existência e rege a ação de cada um. É através do rito e do mito que cada um pode encontrar-se com uma identidade primal religiosamente descoberta e desvendada. (Ibid, p.24-25).

Sobre os princípios básicos do candomblé, Segundo Prandi (1991), o jogo de búzios leva as pessoas ao candomblé, não há necessidade da conversão ou iniciação. Geralmente as pessoas procuram a solução para seus problemas afetivos, sexuais, econômicos, saúde, etc. Observe o depoimento abaixo:

“-Que tipo de serviço é mais procurado? Qual o problema que faz que as pessoas lhe procurem?

-Ah, é pra fazer algum ebó. É algum problema de doença, querem alcançar algum negócio. Emprego. As vezes a pessoa tá procurando um emprego, tá muito difícil, tem que fazer um descarrego para poder ajudar, né?!

-E pra amor? Também procuram?

-Também. Mas é pouco. Lá uma vez ou outra. Agora ebó para emprego aparece muito!”(Fragmento de depoimento de Paulina dos Santos apud PEREIRA, 2008, p.92).

Os “terreiros” de candomblé são autônomos, cada um estabelece suas próprias normas e regras de conduta, que variam dependendo do sacerdote, para os membros e também para as demais pessoas que frequentam a casa. Alguns dizem seguir as mesmas regras que aprenderam com seus pais e mães-de-santo, portanto, seguem suas raízes. Outros alegam que os tempos são outros e que é necessário se adaptar as novas demandas.

Alguns candomblecistas acreditam que, cumprindo as obrigações, os orixás trarão as riquezas desejadas. Outros consideram que a maior riqueza que os orixás oferecem é o equilíbrio.

“A gente procura ter isso aqui pra chegar e ficar em paz com a gente mesmo. Pensa que eu não brigo com a minha mulher, que a minha mulher não briga comigo, briga, mas aí é que tá, o orixá é para dar paciência pra gente, como outra religião. O católico assiste a missa, o padre fala, o pastor, aquela coisa toda, pra quê? Pra ele refletir. Ele refletindo vai ter mais ponderação pra passar pelas dificuldades”. (Fragmento de depoimento do Pai Cláudio apud PEREIRA, 2008, p.76).

Ou ainda, *“queria estar em dias com o meu orixá que é Ogum. Fazer a vontade do meu orixá para ele iluminar os meus caminhos mais do que ele iluminava”.* (Fragmento de depoimento do Pai Welson apud PEREIRA, 2008, p.76).

No candomblé, “nada é de graça”. Ele atende a uma grande demanda por serviços mágico-religiosos. Os clientes procuram a mãe ou pai-de-santo para vários “serviços”.

Os serviços que os clientes procuram nas casas de candomblé são os jogos de búzios, cujos valores cobrados variam entre R\$ 20,00 (vinte reais) e R\$ 50,00 (cinquenta reais). Sacerdotes de Belém ou Salvador em visita ao Amapá cobram pelo mesmo serviço de R\$ 50,00 (cinquenta reais) a R\$ 80,00 (oitenta reais). Alguns sacerdotes também fazem jogos de cartas e ministram passes com vidência. Outros trabalhos realizados com frequência são obrigações, oferendas, curas e ebós– afastamento de espíritos obsessores, abertura de caminhos - com preços variados. (PEREIRA, 2008, p.89).

No culto é comum o sacrifício de sangue animal, oferta de alimentos e outros ingredientes. A carne abatida nos sacrifícios votivos é comida pelos membros da comunidade religiosa, enquanto o sangue e algumas partes dos animais, como patas e cabeças, órgãos internos e costelas, são oferecidos aos orixás.

No terreiro, logo após arrumar as louças, os filhos e filhas-de-santo se organizam ao lado das peças, que formam uma linha reta, e acompanham a marcação do toque iniciada pelo pai-de-santo com as mãos. Começa então o ritmo dos atabaques, junto com as palmas e os cânticos ao orixá dando início ao processo ritual do sacrifício. Todos vestem branco e estão de pés descalços. Exu é o primeiro a receber a oferenda¹¹. Na frente de sua casa são colocados dentro do seu alguidar os pés, as asas e a cabeça de um galo, sendo essas partes regadas com o próprio sangue do animal sacrificado. Depois das ofertas para Exu começam as oferendas para os demais orixás: Oxalá (homenageado), Oxum, Iansã, Iemanjá, Xangô, Oxossi e Ogum. (ROGÉRIO, 2006, pág.162).

Alguns autores afirmam que os seguidores do candomblé são politeístas. No entanto, para Reginaldo Prandi (1996):

¹¹ Segundo Alves (1974:106-7) “no início do culto é necessário fazer o padê de Exu para a obtenção do axé [segurança mágica importante e imprescindível dos trabalhos]. Recebido o padê [oferenda propiciatória], Exu não atrapalha e toma conta do movimento astral, impedindo qualquer perturbação”.

Segundo o candomblé, cada pessoa pertence a um deus determinado, que é o senhor de sua cabeça e mente e de quem herda características físicas e de personalidade. É prerrogativa religiosa do pai ou mãe-de-santo descobrir esta origem mítica através do jogo de búzios. (PRANDI, 1996, p.17).

A tradição oral é cultivada nos terreiros de candomblé. Hamilton Borges, expressa isso de forma bastante incisiva:

“É pela oralidade que se passa todo o conhecimento do axé. Não existem cadernos, livros, apostilas, indicando o caminho para a transmissão dos fundamentos e preceitos. As Tias Velhas dizem que ‘é pelo hálito e de joelhos que se aprende os segredos’ e ‘quem não trabalha não aprende’. Só aprende os fundamentos quem tem uma vivência concreta dentro do terreiro, quem está disposto a esperar o momento, a passar pelo caminho sem queimar etapas. Muito do que se aprende é por cumplicidade, relação, dedicação. O sentido da tradição oral continua intacto e sua transmissão é a pedagogia do orixá: educação de pé de orelha... Não basta ter uma fita gravada com músicas, se não sabe para que serve nem a quem se destina...” (Fragmento de depoimento de Hamilton Borges apud BORBA, 2009, pág.5,6).

Outro princípio importante do candomblé aparece no depoimento abaixo, onde podemos verificar a crença na reencarnação ou incorporação:

“No terreiro Pedra Preta pode ser visto, um tanto afastada, uma árvore escavada pela velhice, e que forma uma espécie de nicho. É lá que as almas das filhas de santo que morreram vão se refugiar no lapso de tempo que separa seu último momento de incorporação ao corpo e seu abandono definitivo da terra. Garrafas de óleo, aguardente, cachaça, água, vasilhas e pratos muitas vezes partidos, por analogia com a morte destruidora, ossos dispersos, provam o culto dos fiéis. Ninguém pode se aproximar dessa árvore mortuária, sem cortar as folhas consagradas de um matagal vizinho, e atirá-las em oferenda àquelas que, no terreno ao lado, dançavam antigamente sob os ditames divinos.” (Fragmento de depoimento apud ARTHUR, 1934, p.38).

4. A UMBANDA

A Umbanda é uma das principais religiões atuantes no Brasil. Nas regiões Norte e Nordeste, os afrodescendentes a consagraram como um ritual da mesma maneira

como na época do “Descobrimento do Brasil”. Ela é uma religião influenciada pelo catolicismo, pelo espiritismo, pela cultura indígena e africana. É considerada também como uma religião afrobrasileira e uma religião genuinamente brasileira.

Segundo Marcos Alexandre Capellari, os elementos formadores da umbanda:

[...] já se encontravam desenvolvidos em outras práticas religiosas afrobrasileiras, destacando-se a Cabula, cujo chefe era chamado embanda, assim como a Macumba, cujo chefe era conhecido como umbanda. Suas origens, pois, remetem ao culto das entidades africanas (orixás*, enquices*) e indígenas (caboclo), assim como dos santos Católicos. (CAPELLARI, 2001, p. 91).

Segundo Oliveira (2007), no Rio de Janeiro, com a “manifestação” do caboclo das Sete Encruzilhadas no médium Zélio de Moraes, numa sessão da Federação Espírita de Niterói, em 15 de novembro de 1908, foi fundado o primeiro terreiro de umbanda, que teria nascido como dissidência do espiritismo que rejeitava a presença de “guias” negros e caboclos, considerados por “alguns espíritas” como “espíritos inferiores”. Este evento representa, hoje, para o movimento umbandista o marco fundador da religião, um divisor de águas entre a macumba – que era compreendida na época como “baixo-espiritismo” cuja prática nem sempre estava direcionada para fins elevados – e a umbanda, voltada para a prática do amor ao próximo.

Na umbanda que se consolidará a partir de então, a presença da entidade no transe ritual volta-se mais para a cura, limpeza, aconselhamento dos fiéis e clientes, afastando-se de outro ideal kardecista: o de comunicação com os mortos com o fim de estender ao mundo dos espíritos atrasados e sofredores a doutrinação evangélica caridosa; e receber dos espíritos de luz orientação para o desenvolvimento de virtudes na terra, curas do corpo e da alma, evolução espiritual dos vivos e dos mortos. (PRANDI, 1990, p.4).

Pela pesquisa que fizemos, descobrimos que a umbanda é uma religião oral que se formou empiricamente e é aprendida com a experiência. Nela não tem matanças nem comidas e seus rituais evitam e dispensam sacrifício de sangue. Admite-se a oferta de raízes, folhas, flores e frutos. Os seguidores podem expressar sua fé através de danças, cânticos, visitas às cachoeiras, grutas, cemitérios, rios, beira-mar. Apresentando a

discrepância entre a umbanda e os rituais de matriz africana [principalmente o candomblé], assim refere-se Zespo¹² (1951 apud ISAIA 2006, internet):

[...] suas práticas de religião primitiva estão incompatíveis com o mundo atual; e, sua subsistência em nosso meio só seria possível mediante uma modernização e adaptação no ritual externo. Não estamos mais em condições de sacrificar galos vermelhos a Exu e largá-los na primeira encruzilhada de um centro urbano. Tal rito, no mato, não estaria fora de ambiente, mas em plena Avenida Rio Branco... isto não é mais exequível. Os próprios orixás não aceitam estas violências de rito primitivo.

Ao contrário do espiritismo, na umbanda o termo mesa-branca é muito utilizado e está associado a prática da caridade. Sobre mesa branca [umbanda branca], a médium O.E.S.E¹³ citada por Laís Alves (2009), afirma que:

“Eu Pra mim a umbanda é amor, caridade, espiritualidade, humanismo pra mim isso tudo é umbanda tem que ser assim senão for ela não é umbanda. Umbanda branca entendeu umbanda branca agora quanto a quimbanda também tem suas qualidades mais a umbanda que eu freqüento é assim ela não é totalmente assim mais é ta tentando ser por que todas tem problemas isso que eu posso falar a que eu freqüento.” (ALVES, 2009, p.6, 7).

O poder está nas mãos do pai ou mãe de santo e emana do deus ou espírito que o cavalga, cada um em seu “terreiro”. Ela não foi codificada, não há pai fundador, mas vários “líderes espirituais”.

A umbanda é a religião dos caboclos, boiadeiros, pretos velhos, ciganas, exus, pombagiras, marinheiros, crianças. Perdidos e abandonados na vida, marginais no além, mas todos eles com uma mesma tarefa religiosa e mágica que lhes foi dada pela religião de uma sociedade fundada na máxima heterogeneidade social: trabalhar pela felicidade do homem sofredor. É kardecista esta herança da prática da caridade, que no kardecismo sequer separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos, pois estes também precisam

¹² ZESPO, Emanuel. *Codificação da Lei de Umbanda (Parte científica)*. Rio de Janeiro: s.ed., 1951, p. 53, 54.

¹³ Entrevista cedida a Laís Mól Alves, no dia 05/08/2009 por O.E.S.E, médium do CEUSN.

de ajuda na sua saga em direção à luz, o desenvolvimento espiritual. (PRANDI, 1990, p. 6–7).

Os terreiros de umbanda atendem gratuitamente a toda as pessoas e não exigem assiduidade¹⁴. Também não há seleção dos visitantes, independentemente da classe econômica ou religião a qual pertença. Comparado ao do candomblé, seu processo de iniciação é muito mais simples e menos oneroso. Referente à iniciação de novos membros observe a descrição do depoimento abaixo:

“[...] a maior iniciação na Umbanda é a freqüência. E fé, minha filha. Se você não tem fé não venha porque você não adquire nada. É necessário ter fé. Aí inicia sentando no banquinho, as vez tem apenas aquela aproximação, não tem incorporação. Com a freqüência no banquinho em todos os sábados, que eu trabalho os sábados a noite, então começa a se aproximar cada vez mais o caboclo da pessoa, caboclo, preto velho, criança. Tem que ser médium. Se não for médium não adianta ficar. Aí fica no banquinho, quando começam as incorporações, vai melhorando cada vez mais, quando eu vejo que a pessoa já ta firme nas incorporações aí então eu faço a fortificação na cabeça. Aí passa mais anos, coroa. Faço a coroação da criatura. Depois da coroação vem o batismo. Tem que coroar. Botar uma coroa cantando a doutrina, rezando prece na cabeça do médium. Um trabalho todo especial. E depois, então, vem o batismo. Só quando completar sete anos é que está apto a ser batizado, recolhido. Aí passa recolhido, uma coisa especial, alimentação pouca, com pouco sal. Aí sai, com oito, quinze dias (dependendo do estado de incorporação do médium), na Umbanda e sai na Mina porque pertence as duas coisas. A Mina é o tambor. Se não pertencer pra Mina não sai no tambor, sai mesmo na Umbanda, só na Umbanda. Mas se pertencer ao tambor sai na Mina. (...) Quem decide sou eu pois eu é que estou vendo qual é a necessidade que tem, né? Eu é que desenvolvo e sei qual é o grau de desenvolvimento e o que, quem, qual é o caboclo, qual é o preto velho que tem. [...]” (Fragmento de depoimento de Dona Dulce Moreira apud PEREIRA, 2008, p130).

Os umbandistas acreditam em um Deus único, chamado Olorum ou Zambi; para eles, devemos ter obediência a valores humanos como fraternidade, caridade e respeito ao próximo. Cultuam os orixás, manifestações divinas que se confundem com um

¹⁴ As pessoas não precisam se converter à religião.

elemento da natureza do planeta ou da própria personalidade humana. Para eles, cada pessoa está ligada a um orixá. A ligação entre os vivos (encarnados) e “mortos” (desencarnados), se faz por meio dos médiuns. Os médiuns “emprestam” seus corpos para os guias (“cavalos”) e para os orixás.

Os umbandistas fazem seus cultos no templo, terreiro ou centro. É lá que eles sem encontram para realizar culto aos orixás e aos guias (“giras”). Na umbanda há pelo menos três graus de hierarquia, o líder do terreiro é o pai ou mãe-de-santo. Berkenbrock¹⁵ (1998 apud MACHADO, 2003, p.64) afirma que:

[...] no segundo grau está o pai-pequeno ou mãe-pequena, que é ajudante da liderança e assume as funções dela na sua ausência. Depois vem o corpo dos médiuns, isto é, as pessoas que incorporam durante o culto. No último grau estão os ajudantes. Estes são especializados em diversos serviços, como ajudar os médiuns durante as consultas, escrever e interpretar as receitas ou responsabilizar-se pela apresentação do espaço do culto ou pela música.

Algumas federações de umbanda foram criadas na época da ditadura do Estado Novo¹⁶, para enfrentar a discriminação, perseguições e repressão policial, e legalizar os templos, fornecer alvarás de funcionamento e demais documentos. Para se livrar de seus opositores, alguns umbandistas passaram a adotar a expressão “espiritismo de umbanda”.

Buscou a legitimação dos terreiros de umbanda mediante registro na polícia e criou a Federação Espírita Cearense de Umbanda em 1953. Seu objetivo foi garantir a afirmação da religião de modo a ocupar um espaço público em Fortaleza e em outros municípios do Ceará, atingindo maior grau organizativo. Sendo o conhecimento algo prioritário em uma sociedade que se diz moderna – especificamente no Brasil republicano, urbanizado, e cuja economia girava então em torno da industrialização –, era requerido esse saber legitimado, em detrimento da tradição oral. Assim, o modelo adotado foi o do kardecismo [...]. (CANTUÁRIO, 2008, pág.207).

¹⁵ BERKENBROCK, Volney. *A Experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. Petrópolis: Vozes, 1998. p.159.

¹⁶ Em 1937 Getúlio Vargas, num golpe de Estado, instalou o Estado Novo, e governou o país, no período de 1937 a 1945.

A umbanda absorveu do espiritismo as virtudes da caridade e humildade, assim fazendo-se mais ocidental que as demais religiões afrobrasileiras, mas nunca completou este processo de ocidentalização, ficando a meio caminho entre ser uma religião voltada para a orientação e o esclarecimento e religião mágica, voltada para a estrita manipulação do mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa ainda está em andamento, mas como podemos perceber, o trabalho permitiu a realização de uma análise e a observação de elementos muito interessantes. Das religiões mediúnicas pesquisadas, faltam muitas nuances a serem observadas. Muito mais que obter respostas prontas a respeito de nossos olhares, temos como intuito lançar pistas iniciais direcionadas ao estudo do espiritismo, do candomblé e da umbanda.

Apresentamos ao longo deste trabalho, algumas semelhanças e diferenças de práticas e crenças dessas religiões mediúnicas, com o objetivo de desvendar, esclarecer, informar e entender o que caracteriza a identidade de cada uma delas. Procuramos descobrir qual é o livro sagrado de cada uma dessas religiões mediúnicas, onde seus adeptos se reúnem, quais são seus principais princípios básicos. Descobrimos que existe um esforço muito grande entre os líderes¹⁷ dessas religiões, no sentido de diferenciar umas das outras. No entanto, essas religiões se apresentam de maneira complexa, plural e diversificada e esses ingredientes são objetos de outra pesquisa.

Lembrando à indagação inicial que motivou essa pesquisa [existe centro espírita de umbanda?], observamos que apesar da separação entre espiritismo e umbanda, é muito comum, como citado por Alves (2009), as pessoas abrirem terreiros de umbanda, cuja denominação leva a expressão “Centro Espírita”, quando deveria ser, como querem os espíritas “Templo” ou “Terreiro”. Entretanto, alguns umbandistas entendem que a palavra “espiritismo” se refere a toda crença com possibilidade de comunicação com o espírito dos “mortos” (desencarnados), ou seja, todas as religiões mediúnicas.

Para concluir, apresentamos uma tabela feita por Ferreira; Carvalho¹⁸ (2006 apud SOBRINHO, 2009, internet), que mostra as principais diferenças entre o espiritismo, o candomblé e a umbanda:

¹⁷ Principalmente as Federações, que tem o objetivo de unificar as práticas religiosas.

¹⁸ FERREIRA, F. e CARVALHO, R. *Espiritismo, Umbanda e Candomblé?* In: Além da Vida, ed. 24,

Conheça melhor as diferenças entre Espiritismo, Umbanda e Candomblé			
Quadro de religiões	Espiritismo	Umbanda	Candomblé
Em que se baseia?	Continuidade da vida após a morte e a comunicação com os espíritos. O Espiritismo é considerado, por muitos, como a religião do futuro por ser a religião que dá esperança para a pessoa continuar a viver enfrentando problemas ao saber que a vida continua e que tudo aqui é um grande aprendizado.	Impulsionar os adeptos da Doutrina à evolução através de orientação pela incorporação de espíritos que se apresentam nas formas de Caboclos, Pretos-Velhos e “Crianças”.	Baseia-se no culto aos orixás que através de consultas passadas aos pais de santo pela leitura do jogo de búzios encaminha os homens a uma vida melhor.
Onde surgiu?	Surgiu na França, codificada pelo estudioso Allan Kardec, a partir da publicação de “O Livro dos Espíritos”, em Paris, no ano de 1857.	Brasil – Niterói/RJ, através do médium Zelio Fernandino de Moraes. Há sincretismo com os santos católicos, onde os mesmos são priorizados com suas orações. Exemplo: Ogum é a falange de São Jorge.	Brasil. De origem africana, trazida pela influência dos escravos. Firmou-se em estados do nordeste, principalmente na Bahia, espalhando para o resto do Brasil.
Comunicação com Espíritos	Dá-se através da mediunidade que é a faculdade que proporciona o contato com os desencarnados. Todo Centro Espírita há cursos de formação de médiuns. A variedade de faculdades mediúnicas varia bastante, desde a superficial intuição até os fenômenos de efeitos físicos, e, em casos mais raros, visão e audição perfeita dos espíritos.	A comunicação mediúnica na Umbanda é diferente do Espiritismo. Apesar do espírita estudar mais, o umbandista pratica mais e sem o medo e a negação muito comum entre os espíritas. As consultas com o mundo espiritual são sempre feitas através de médiuns incorporados, semiincorporados e, também, pela intuição que é repassada pelos guias.	Como muita gente imagina, no Candomblé não existe incorporações de espíritos, pois são os orixás que se apresentam. Segundo o Candomblé, o orixá não passa pela vida corpórea como nós. Isto é, os orixás não são entidades como as conhecidas pelo Espiritismo e a Umbanda. O contato com o mundo espiritual é feito através do jogo de búzios.
Rituais e Oferendas	Não existem rituais e oferendas na Doutrina Espírita.	Há rituais e oferendas aos orixás e aos guias.	As oferendas são feitas em nome dos orixás.
Espíritos, Deuses e Orixás	Só há um único Deus. Espíritos são criados seres simples e ignorantes que através da experiência da Reencarnação adquirem evolução.	Os orixás são seres mais próximos a Deus, pertencem ao escalão do alto comando espiritual do planeta. Os pretos velhos, caboclos e crianças são espíritos ainda sujeitos a depuração através	Os orixás são os santos do candomblé, grandes representantes das forças da natureza. Têm ligação direta com os elementos água, fogo, terra e ar. E tudo o que está contido neles, são

		da encarnação.	do seu total conhecimento.
Expressão	Onde surgiu a expressão	O que é?	
Médium	Espiritismo, Umbanda e Candomblé	Ser encarnado (homem ou mulher) que serve de intermediário entre o mundo físico e espiritual. Usa a faculdade mediúnica para estreitar relações com o mundo extra corpóreo.	
Mesa Branca e Centro de mesa	Umbanda	Expressão usada para designar Centros de Umbanda com influências espíritas. Muitos Centros de Umbanda são regidos pelo estudo da obra de Allan Kardec, contudo sem desmerecer as tradições da religião umbandista.	
Orixá	Umbanda e Candomblé	Orixá é uma entidade que está acima dos homens. Não reencarna como os demais espíritos.	

O que existe de comum nas religiões mediúnicas pesquisadas é que elas são as manifestações dos espíritos dos “mortos” (desencarnados), embora cada uma se comporte particularmente diferente quanto a esse aspecto. Elas acreditam na reencarnação, mas isso não é o bastante para que possamos dizer que elas sejam iguais e que podem ficar dentro do mesmo “balaio”.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Tiago Paz e. *A representação social de perfeição na memória das personalidades do Espiritismo*. 2009. 135f. (Mestrado em Psicologia Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ALVES, Laís. *Religião e História: A permanência de uma religião a partir da oralidade*. In: VIII Encontro Regional Sudeste de História Oral (ABHO), 2009, Belo Horizonte. Anais. Disponível em <http://www.historal.kit.net/lais_mol_alves.pdf> Acesso em 12 de dez. 2009.

AMORIM, Deolindo. *O espiritismo e as doutrinas espiritualistas*. 4.ed. Rio de Janeiro: CELD, 1989. 198p.

ARAÚJO, P. J. P. *Umbandização, cadombleização: para onde vai o terecô?*. In: X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões, 2008, Assis. Anais do X Simpósio ABHR / UNESP - Assis - 12 a 15 de maio de 2008, 2008.

ARTHUR, Ramos. *O Negro Brasileiro: Ethnografia Religiosa e Psychanalyse*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1934.

BORBA, Denísia Martins. *As memórias que preservam as histórias*. In: VIII Encontro Regional Sudeste de História Oral (ABHO), 2009, Belo Horizonte. Anais. Disponível em <<http://www.historal.kit.net/Denisiaborba.pdf>> Acesso em 12 de dez. 2009.

CANTUÁRIO, Maria Zelma de Araújo Madeira. *A maternidade simbólica na religião afrobrasileira: aspectos socioculturais da mãe de santo na umbanda em Fortaleza-Ceará*. 2009. 250f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. *Sob o olhar da razão: as religiões não católicas e as ciências humanas no Brasil*. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *"Conheça o Espiritismo, uma Nova Era para a Humanidade"*, Brasília: FEB, 1996.

FERNANDES, Paulo César da Conceição. *As origens do Espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914)*. 2008. 139f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Brasília.

FORCHEZATTO, Domingos (org.); ADRAUS, Mariana Baruco Machado (org.). *Umbanda sem fronteiras: associação espiritual de umbanda Pai Tajubim*. Campinas-SP: Pegasus, 2009. 192p.

ISAIA, Artur César. O elogio ao progresso na obra dos intelectuais de umbanda. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS, 6, 1999, Lisboa. Anais. Disponível em: <www.geocities.com/ail_br/oelogioaoprogressonaobra.htm>. Acesso em 24 jul. 2003.

JUNIOR, Adolfo de Mendonça. *Narrativas escritas e orais da vida de um dos pioneiros da história do espiritismo em Franca-SP*. In: VIII Encontro Regional Sudeste de História Oral (ABHO), 2009, Belo Horizonte. Anais. Disponível em <http://www.historal.kit.net/adolfo_mendonca.pdf> Acesso em 12 de dez. 2009.

KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Salvador Gentile. 112.ed. Araras-SP: IDE, [1857] 1997. 420p.

_____. *Obras póstumas*. Tradução de Salvador Gentile. Araras- SP: IDE, [1890] 1993a.

_____. *A Gênese*. Tradução de Salvador Gentile. Araras- SP: IDE, [1868] 1993b.

_____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Salvador Gentile. Araras- SP: IDE, [1861] 1993c. 488p.

_____. *O que é o Espiritismo*. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, [1859] 2001a. 224p.

_____. *Revista Espírita 1869*. Tradução Salvador Gentile. Arara-SP: IDE, [1869] 2001b. 388p.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. *Espiritismo no Brasil*. Cad. CERU, Dez 2008, vol.19, nº2, p.171-185.

MACHADO, Sandra Maria Chaves. *Umbanda: reencantamento na pós modernidade?* 2003. 133f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade católica de Goiás.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de Oliveira. *Entre a macumba e o espiritismo: uma análise comparativa das estratégias de legitimação da Umbanda durante o Estado Novo*. 2007. 165f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

OMOLUBÁ. *Almas e Orixás na Umbanda*. São Paulo: Cristalis, 2002.

PEREIRA, Decleoma Lobato. *O candomblé no Amapá: imigração e hibridismo cultural*. 2008. 229f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pará.

PIRES, J. Herculano. *Mediunidade (Vida e Comunicação): conceituação da mediunidade e análise geral dos seus problemas atuais*. 2.ed. São Paulo: Edicel, 1979. 159p.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: A velha magia na metrópole nova*. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1991. 300 p.

_____. *Herdeiras do axé: Sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1996. 200 p.

_____. *Modernidade com feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX*. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 2(1): 49-74, 1.sem. 1990.

ROGÉRIO, Janecléia Pereira. *O sacrifício de sangue: imagem de alteridade cultural nos cultos afro-brasileiros*. In: Revista Antropológicas. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

SÁ JUNIOR, Mário Teixeira de. *A invenção da alva nação umbandista: a relação entre a produção historiográfica brasileira e sua influência na produção dos intelectuais da Umbanda (1840-1960)*. 2004. 105f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados.

SAMPAIO, Jáder. *Quadro comparativo entre os cultos afro-brasileiros e o espiritismo*. O Consolador: revista semanal de divulgação espírita. Londrina-PR, nº 52, abr. de 2008. Disponível em: <<http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/quemsomos/principal.html>> Acesso em 08 de jul. de 2009.

SOBRINHO, Paulo da Silva Neto. *O Espiritismo num balaio de gatos*. Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.paulosnetos.net/attachments/051_Espiritismo_num_balaio_de_gatos.pdf> Acesso em 08 de jul. de 2009.

WANTUIL, Zeus. *Grandes Espíritos do Brasil*. Rio de Janeiro: FEB, 1981.